



MORTE E LUTO NA INFÂNCIA: UM PRIMEIRO OLHAR SOBRE SUA ABORDAGEM NA ÁREA DA EDUCAÇÃO

Rosani Beatriz Mertz¹

Vanesa Alves de Morais²

Resumo

Este estudo pretende buscar por meio de uma pesquisa qualitativa do tipo bibliográfica, dissertações de mestrado (2003-2014), sobre a morte e o luto vivenciados na infância e sua abordagem na educação formal. A coleta de dados realizou-se por meio de busca em portais eletrônicos (internet), dos Programas de Pós-Graduação da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, e da Biblioteca Digital de Teses e Dissertação – BDTD, Domínio Público – DP. Este é um primeiro esboço sobre o muito que ainda há a pesquisar sobre sua abordagem e desenvolvimento na área educacional.

Palavras-Chave: luto, infância, educação

Introdução

Este trabalho refere-se ao estudo de uma pesquisa bibliográfica numa abordagem qualitativa, das publicações científicas (Dissertações de mestrado), sobre a morte e o luto vivenciados na infância e sua abordagem na Educação Formal. Atende a dois objetivos: a) cumprir um dos requisitos de avaliação da disciplina Seminário Avançado I – Formação de professores e currículo, do curso de mestrado da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), e, b) descobrir se há dissertações de mestrado que abordam esse problema (morte e luto) na escola, ou seja, saber se o referido assunto é e, como é desenvolvido no âmbito escolar. Para tanto, realizou-se uma busca on-line (internet) nos sítios dos Programas de Pós-Graduação em Educação e também em Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD); Domínio Público (DP), em dissertações de mestrado que envolvem e discutem a temática e, cujos trabalhos foram defendidos num período compreendido entre 2003 a 2014, em diferentes Programas de Pós-Graduação do Brasil.

¹ Graduada em Pedagogia – UFMT, Aluna especial do curso de Mestrado em Educação – PPGE - UFMT

² Graduada em Pedagogia – UFMT, Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMT



A importância e relevância deste estudo justifica-se frente as grandes demandas psicoemocionais e afetivas que envolvem e influenciam o processo de desenvolvimento, ensino e aprendizagem do ser humano, especialmente no período de sua primeira e segunda infância, o que exige do profissional da área de educação um conhecimento para além do pedagógico a fim de realizar um efetivo trabalho em sala de aula.

Louzette e Gatti (2007) defendem a importância da aquisição e apropriação de tais conhecimentos no processo de formação de professores, assim como, profissionais da área de saúde. Uma vez que:

[...] profissionais das áreas de saúde e educação têm-se confrontado com situações de perda e morte, e muitos desses profissionais não receberam a devida preparação em seus cursos de formação para que possam agir melhor diante de um caso de perda e de suas consequências. (LOUZETTE e GATTI, 2007, p. 79).

Nesse sentido, entendemos que ao propor uma discussão sobre a formação, seja ela, de professores no nível superior, ou, de alunos dos demais níveis de ensino (infantil, fundamental e médio), que envolva não só o tema aqui abordado como outro qualquer que faça parte de novos conhecimentos a ser compartilhados, necessário se faz um estudo sobre o currículo que está sendo desenvolvido nos referidos níveis de ensino e sobre o que está sendo ensinado na escola. Entendemos ainda, que o currículo é um artefato resultado de uma construção sócio histórica e cultural pelo ser humano e, que de forma explícita ou implícita, é carregado de valores conforme seu contexto e cultura social no qual encontra-se inserido e que sua elaboração é para além do papel e do discurso, conforme ressalta Fernandes, (1993, pp. 07-09). Porquanto:

[...] sabemos que elaborar o currículo numa concepção crítica, transformadora e emancipatória não se faz somente no papel. As políticas de governo, geralmente conservadoras, na área da educação, colocam as mudanças dentro do tempo limite de quatro anos de sua gestão [...] Educação/currículo, prática pedagógica, não se faz dessa forma. Política não se efetiva de uma hora para outra. Ela precisa de tempo para ser concretizada. Não se faz no discurso, precisa de uma prática coletiva dos agentes envolvidos, principalmente da escola. (FERNANDES, 1993, p.08-09).

Assim como, compreende-se que as disciplinas tidas como escolares são “uma tecnologia de estruturação da escola”, isto é, um “princípio organizador do currículo” que apresenta em seu interior finalidades e objetivos que atendam distintos fins sociais. (MACEDO; LOPES, 2002, p. 79-84).



Este estudo aproxima-se de uma pesquisa desenvolvida sobre o assunto que envolve a temática luto, morte e infância, a qual, foi defendida como trabalho de conclusão do Curso de Pedagogia pela UFMT, sob o título “ Perdas e Luto na Infância: suas implicações no desenvolvimento social e afetivo da criança”, por MERTZ (2015).

Na referida pesquisa a autora busca compreender a partir da leitura de alguns autores, as afetações e sequelas causadas pela ausência materna na vida da criança pequena e em seu processo de desenvolvimento. Ausência esta, causada por morte ou por abandono de sua genitora.

A morte, o morrer, as perdas, são intrínsecas, inerentes à vida e ao desenvolvimento de todo ser humano e, conseqüentemente a elaboração do processo do luto. Este pode transcorrer de forma normal ou patológica, o que irá diferenciar um processo de outro serão as variáveis, vivências e tipos de vínculos estabelecidos entre o indivíduo e a pessoa ou algo que se perdeu, uma vez que, o luto ocorre não só por morte.

Em Luto e Melancolia, Freud [1856-1939], (2011), define luto como sendo uma reação à perda de uma pessoa querida ou de uma abstração que esteja no lugar dela, podendo ser a pátria, liberdade, um ideal entre outros. É como ter sido arrancado de uma porção de coisas sem sair do lugar. (pp. 18- 46).

Segundo o senso comum, a única certeza que temos na vida é a morte e que nunca estamos preparados para enfrentá-la, seja a própria morte ou a de outrem. Falar sobre a morte e o morrer causa espanto, assusta, no entanto, ainda que a neguemos, convivemos com ela diariamente, indiretamente, por meio dos veículos de comunicação, noticiários, desenhos e histórias infantis, filmes, e da própria realidade social em que o indivíduo se insere. O que segundo KOVÁCS, (1992), leva a uma “banalização” da mesma.

“A importância de focar o tema da morte está ligada ao fato de que, ao falar desta, estamos falando de vida e, ao falar de vida, a qualidade da mesma acaba sendo revista. Esta vem decaindo, em parte, pelo lugar ao qual a morte foi relegada no século XX: do interdito, do vergonhoso, do oculto - uma inimiga a ser vencida a qualquer custo. Quanto mais se nega a morte, mais esta parece fazer-se presente através da violência urbana, do crescimento do número de pessoas portadoras do HIV, do suicídio, das guerras”. (KOVÁCS, 2005).

O negar a morte também faz parte do processo de elaboração do luto, porém no sentido, de a pessoa não acreditar ou não querer acreditar no fato, assim como, o falar sobre, uma vez que, muitos encontram dificuldade em expressar seus sentimentos e/ou emoções, e



se, quem sofre a perda é uma criança, o processo pode tornar-se ainda mais doloroso e difícil podendo desencadear a partir de determinadas variáveis, um luto patológico.

Diante de tal situação, os pais encontram dificuldade em dialogar com a criança por diversas razões, seja em pensar que a criança não irá compreender por ser uma criança, seja, por acreditar que a mesma não passa pelo processo de elaboração do luto, ou no sentido de querer “poupá-la” de mais sofrimento, ou ainda, por não saber como lidar com a criança nessa situação. Dessa forma, alguns autores reconhecem como muito difícil o momento de:

Abordar o assunto com a criança que perdeu o pai ou a mãe, ou ainda, uma pessoa significativa em sua vida, que os adultos receiam e até mesmo evitam dialogar sobre o fato. Seja na intenção de querer protegê-la, seja, pela imensurável dor e pesar que a mesma esteja sentindo. Todavia, segundo esses autores, a ação de expor a verdade à criança além de ajudar a amenizar sua dor, concorre também a auxiliar na elaboração do processo de luto. (BOWLBY, 2004; TORRES, 1999; KOVACS, 1992; ABERASTURY, 1984; KUBLER-ROSS, 1996, apud MERTZ, 2015).

De acordo com (KOVÁCS, 1992, p. 49), “ao não falar, o adulto crê estar protegendo a criança, como se essa proteção aliviasse a dor e mudasse magicamente a realidade. O que ocorre é que a criança se sente confusa e desamparada sem ter com quem conversar”.

Tais dificuldades também são encontradas no ambiente escolar, pois, tal tema ainda é considerado como um “tabu” e muitos professores alegam não ter tido acesso a tal conhecimento em seu processo de formação profissional para lidar com assuntos que envolvam situações de morte, morrer e luto.

Percurso Metodológico

Os procedimentos utilizados nesta pesquisa fundamentam-se numa abordagem qualitativa do tipo bibliográfica baseado no levantamento de publicações científicas (Dissertações de mestrado). A coleta de dados realizou-se por meio de busca em portais eletrônicos (internet), onde a pesquisa (on-line) concentrou-se nas publicações científicas (Dissertações de mestrado), realizadas no período entre 2003 e 2014 dos Programas de Pós-Graduação da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, e da Biblioteca Digital de Teses e Dissertação – BDTD, Domínio Público – DP. Para tanto, foram utilizadas palavras-chave de busca, relacionadas à temática aqui abordada.



A pesquisa do tipo bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas (GIL, 2002, p.44).

Resultados e discussões

Um fato que chamou a atenção no decorrer deste estudo, foi o de não localizar nos arquivos do Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE e de Pós-graduação em Psicologia – PPGP da UFMT, nenhuma pesquisa relacionada ao luto vivenciado na infância, seja ele decorrente de morte dos genitores, abandono, negligência ou separação. Eventos estes que podem ocasionar e vir a desencadear um processo de luto por parte da criança, assim como, cabe ressaltar a dificuldade em encontrar a literatura que versa sobre o tema nas bibliotecas da referida instituição.

Como resultado das buscas, realizadas respectivamente, nos portais dos Programas de Pós-Graduação em Educação e no de Psicologia da UFMT, como na BDTD- (Domínio Público- DP), em que se utilizaram as palavras-chave: luto, morte, infância, educação, nenhuma dissertação foi encontrada. O mesmo resultado foi obtido com o uso das palavras-chave: luto, infância, educação.

Foram apresentadas na base de dados da BDTD, dez dissertações ao ser realizada a busca com as palavras-chave, luto, infância, destas, apenas três referiam-se ao tema pesquisado.

Dentre estas, (FUJISAKA, 2009). Apresenta um estudo de como pessoas adultas que perderam a mãe por morte na infância, significam e (re) significam a vivência do processo de luto em outras fases de suas vidas. (FUJISAKA, 2009). A privação do vínculo e convívio com a figura materna podem causar traumas, revoltas, carências afetivas e, por conseguinte, comprometimentos psíquicos emocionais e comportamentais, independentemente de sua idade cronológica, o que tende a influenciar no processo de desenvolvimento da criança, inclusive de aprendizagem escolar. (MERTZ, 2015).

Sanches (2012), numa outra perspectiva de vivência do luto, disponível na BDTD, trata do processo que envolve o luto materno e o vínculo com o filho substituto, ou seja, o



filho que foi pensado, gestado com o objetivo de diminuir e/ou suavizar a dor e o vazio deixado pela morte do outro filho. Segundo o pensamento de Bowlby (2004, p. 135):

“Há muitas razões para duvidar da prudência dessas substituições muito apressadas, já que existe o perigo de que o luto pela criança perdida não se complete e que o novo filho seja visto não apenas como a substituição que é, mas como o retorno daquele que morreu. Isso pode levar a uma relação deformada e patogênica entre os pais e o novo filho”.

Dessa forma, os aspectos pertinentes ao luto materno podem desencadear prováveis complicações relacionadas à construção da identidade do filho vivo, bem como, problemas em estabelecer relações sociais, familiares, escolares, entre outras.

Silva (2013), em sua dissertação (BDTD), aborda o processo que envolve o luto vivenciado por mães que perderam seus filhos em consequência do câncer infantil. Nesse sentido, a autora elucida que: “Com a morte do filho, as mães passam a vivenciar uma forma de ser-com o filho ausente”, garantindo a continuidade da relação com o filho morto, e, compreende-se, assim, “o luto materno como uma experiência singular em constante ressignificação, na qual o tempo subjetivo sobrepõe-se ao tempo cronológico”.

Ao deparar-se em tal situação (doença, tratamento, internação), a criança ainda que pequena, em torno de cinco a seis anos de idade (pré-escolar), já tem uma noção, ou, certa compreensão sobre a morte, mesmo que para descrevê-la ou explicar seja necessário lançar mão de histórias, metáforas. Kubler-Ross ao ser questionada por uma criança sobre o que era a morte, ela a descreveu utilizando o tempo, um tempo que se finda quando o que tínhamos a fazer já fora concluído, como a metamorfose das borboletas.

Quando acabamos de fazer tudo o que viemos fazer aqui na Terra, podemos sair de nosso corpo, que aprisiona nossa alma como um casulo aprisiona a futura borboleta. E, na hora certa, podemos deixá-lo para trás, e não sentimos mais dor, nem medo, nem preocupações – estamos livres como uma linda borboleta voltando para casa, para Deus... (KÜBLER-ROSS, 1998). De uma carta a uma criança com câncer.

De acordo com alguns teóricos, Wahl (1959, apud BECKER, 2010, p. 40), a criança começa a conceber a ideia de morte em torno de seus três a cinco anos de idade, ou seja, ainda em sua primeira infância, ainda que, de uma maneira figurada, simbólica, não clara.

Considerações finais



Para a criança, a perda de um dos genitores e principalmente da figura materna (BOWLBY, 2004), desempenha grande influência em seu desenvolvimento, bem como, pode desencadear os mais variados sentimentos e reações. Conforme assevera LOUZETTE e GATTI (2007, p. 79):

Estas influências podem ser tanto no convívio social, na forma de lidar com a vida, na parte emocional e afetiva, no sentimento de inferioridade que a criança pode desenvolver por acreditar que só ela que não possui um pai ou uma mãe, na fragilidade para lidar com assuntos delicados, entre outros.

Percebe-se assim, a importância do papel da (s) pessoas que ficarão responsáveis e que acompanharão essas crianças após sofrer um evento traumático em decorrência de uma perda. Sabendo que o processo de elaboração de um luto saudável e sua duração muito dependem das relações e vínculos afetivos estabelecidos com a pessoa perdida como com aqueles que a cercam.

Por meio deste estudo foi possível perceber que existe um número ínfimo de pesquisas no plano de mestrado que abordem a temática acima desenvolvida. Observa-se ainda, que a questão da morte e do luto vivenciados na infância ainda é um tema pouco discutido e desenvolvido na área da educação. Da mesma forma, compreendemos que não só na esfera familiar encontra-se a dificuldade de lidar, abordar e dialogar sobre o luto e a morte com crianças, mas, também na escola e na sociedade como um todo.

Ressaltamos aqui a ausência nos arquivos do Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE e de Pós-graduação em Psicologia – PPGP da UFMT, de pesquisas relacionadas ao luto vivenciado na infância e sua abordagem no universo educacional, seja ele decorrente de morte dos genitores, abandono, negligência ou separação destes.

Destacamos ainda, a dificuldade em encontrar a literatura que versa sobre o tema nas bibliotecas da referida instituição.

Dessa forma, diante do exposto, importância e relevância do tema aqui abordado, percebeu-se a necessidade de desenvolver maiores estudos que abarquem a referida temática. Haja vista, o ambiente escolar é um espaço de convivência, de relações que se estabelecem de forma única e específica, assim como, o processo de desenvolvimento de cada criança e, no caso de vivenciar um processo de enlutamento, este, será ímpar e próprio de cada um. Assim, entendemos que a escola possui um caráter social e é, junto à família e a sociedade, corresponsável pela formação dessa criança para a vida, e, a morte, o luto e demais perdas de



vínculos afetivos fazem parte da vida de todos os seres humanos. Assim, entendemos ser importante levar para o ambiente escolar as discussões e ideias sobre o assunto aqui mencionado.

Este é apenas um primeiro esboço sobre o muito que ainda há a pesquisar, estudar e desenvolver sobre a morte, o luto e sua abordagem e desenvolvimento na área educacional.



Referências

BOWLBY, J. Apego e Perda: Perda, Tristeza e Depressão, volume 3 da Trilogia. 3ª edição. São Paulo. Editora Martins Fontes, 2004.

_____. [1907-1990] Formação e rompimento de vínculos afetivos. / John Bowlby; tradução Álvaro Cabral; revisão da tradução Luís Lorenzo Rivera. – 4ª Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2006. – (Psicologia e pedagogia).

FERNANDES, Jorcelina Elisabeth. A reorganização curricular: algumas reflexões. In: *Cadernos formativos*. Cuiabá: Sintep, 1993.

FUJISAKA, Ana Paula. Vivência de luto em adultos que perderam a mãe na infância. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

FREUD, Sigmund. [1856-1939]. Luto e melancolia: Sigmund Freud. Título original: Trauer und melancholie. Textos: Maria Kehl, Modesto Carone, Urania Tourinho Peres. Tradução, introdução e notas: Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

GIL, Antônio Carlos, 1946 – Como elaborar projetos de pesquisas /Antônio Carlos Gil, - 4. Ed. – São Paulo: Atlas, 2002.

KOVACS, Maria Julia. Educação para a morte. *Psicol. cienc. prof.* [online]. 2005, vol.25, n.3, pp. 484-497. ISSN 1414-9893. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932005000300012>. Acesso em 06 de julho de 2015.

KOVÁCS, Maria Júlia. Morte e desenvolvimento humano. Coordenadora – São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth A roda da vida. Rio de Janeiro: Sextante. 1998.

LOPES, Alice Ribeiro Casimiro; MACEDO, Elizabeth (Org). Disciplinas e integração curricular: *histórias e políticas*. Rio de Janeiro: DP& A, 2002.

LOUZETTE, Fernanda Lucena. GATTI, Ana Lúcia. Luto na infância e as suas consequências no desenvolvimento psicológico. Disponível em: <ftp://ftp.usjt.br/pub/revistaic/pag77_edi01.pdf>. Acesso em 14 de nov. 2016.

MERTZ, R. M. Perdas e Luto na Infância: suas implicações no desenvolvimento social e afetivo da criança. Dossiê de Pedagogia, UFMT. Cuiabá – MT, 2015.



SILVA, Patrícia Karla de Souza e. Experiências maternas de perda de um filho com câncer infantil: uma compreensão fenomenológico-existencial. Dissertação de mestrado em Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2013.

SANCHES, Vânia de Mello Catelan. Luto materno e o vínculo com o filho substituto. Dissertação de mestrado em Psicologia. Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, 2012.